

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE MEDICINA

DANILO SANTANA

TRANSFORMAÇÕES PELO CAMINHO: a última
narrativa

SÃO CARLOS –SP
2019

[Digite texto]

DANILO SANTANA

TRANSFORMAÇÕES PELO CAMINHO: a última narrativa

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Medicina da Universidade Federal de São Carlos, para obtenção do título de bacharel em Medicina.

Orientador: Prof. Dr. Bernardino Geraldo
Alves Souto

São Carlos-SP
2019

[Digite texto]

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Ciências Biológicas e da Saúde

Folha de aprovação

Assinatura do docente examinador que avaliou e aprovou este Trabalho de Conclusão de Curso do estudante Danilo Santana, em 17/09/2019:



Prof. Dr. Bernardino Geraldo Alves Souto
Universidade Federal de São Carlos
(Assinatura digital em:17/09/2019)

[Digite texto]

AGRADECIMENTO

A todos aqueles que estiveram presentes na minha jornada até aqui, meus familiares, amigos, professores e pacientes, meu muito obrigado por todo aprendizado que me proporcionaram.

E, em especial, ao meu grande amigo Higor Matheus Gomes (*in memoriam*), por sempre me inspirar e torcer por mim.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	6
2 PRIMEIRO CICLO	7
3 SEGUNDO CICLO.....	10
4 TERCEIRO CICLO	13
5 CONCLUSÕES.....	16

1 INTRODUÇÃO

Esse Trabalho de Conclusão de Curso consiste em uma Narrativa Reflexiva sobre minhas vivências e experiências adquiridas ao longo do curso de graduação em Medicina de 2014 a 2019, dividida por ciclos, compostos por dois anos, assim como é dividido o curso de Medicina da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), organizados segundo a minha progressão no domínio dos conhecimentos, em cada área de competência, considerando-se graus crescentes de autonomia.

2 PRIMEIRO CICLO

“O senhor poderia me dizer, por favor, qual o caminho que devo tomar para sair daqui?” “Isso depende muito de para onde você quer ir”, respondeu o Gato. “Não me importo muito para onde”, retrucou Alice. “Então não importa o caminho que você escolha”, disse o Gato. “Contanto que dê em algum lugar”, Alice completou. “Oh, você pode ter certeza que vai chegar se você caminhar bastante”, disse o Gato.” (CARROLL, 1865, em *Alice no País das Maravilhas*).

A aprovação na universidade é, sem dúvidas, um dos dias mais felizes na vida não só do estudante, mas também de toda a família. Para mim, foi a gratificação por todos os anos de cobrança e dedicação. Foi como um prêmio por ter sobrevivido à adolescência, o primeiro passo na caminhada pela vida adulta. Eu estava começando a viver os altos e baixos da minha maior escolha até o momento: a medicina.

Ao contrário do que aconteceu com muitos colegas meus, o sonho da medicina não vem desde cedo. O desejo de cuidar não nasceu comigo. Ao longo das minhas poucas experiências pela vida até os 17 anos, percebi que minha maior alegria sempre esteve no trabalho voluntário. Foi então que descobri que, muito além de cuidar, meu maior desejo era transformar. E não existe profissão que possibilita mais oportunidades de intervir e ajudar que a medicina. A escolha ficou clara e eu tinha certeza de qual caminho seguir.

Minha opção pela UFSCar veio não só como consequência da aprovação. Já havia pesquisado e encontrado aqui valores que eu julgava fundamentais na formação médica, além de um método inovador de ensino, que me fizeram escolher de maneira consciente apesar da greve do ano anterior, do hospital inacabado e do discurso debochado dos professores do cursinho sobre a faculdade que não dava nem aula de anatomia para os seus alunos.

Logo na primeira reunião da Situação-Problema (SP), parte componente da Unidade de Simulação da Prática Profissional, nos instigaram essa mesma reflexão sobre como tínhamos chegado até aqui, nossos motivos pela escolha do curso de Medicina e pela UFSCar. Hoje, revisitando esse texto e com ele todos os meus sentimentos na época, me sinto realizado e agradecido: minha formação me proporcionou experiências muito além do que eu imaginava.

Os dois maiores ganhos do primeiro ciclo da graduação, a meu ver, foram o

[Digite texto]

entendimento do quanto a aprendizagem é um processo dinâmico e o desenvolvimento de mais habilidades no relacionamento interpessoal.

O aprendizado baseado em problemas, sejam eles disparados por situações simuladas ou reais, tira o aluno da zona de conforto. Todo o processo que vai desde a formulação de hipóteses e questões de aprendizagem, passa pela busca de literatura de qualidade e gestão do tempo de estudo, e termina na discussão em grupo nos força à síntese e à capacidade de ouvir, reformulando e ressignificando constantemente o conhecimento, extremamente importante no contexto atual, onde há uma facilidade de acesso à informação em proporções nunca antes imaginadas e, por consequência, mudanças recorrentes nos antigos absolutismos da formação médica.

Sem dúvidas, minha maior dificuldade de adaptação no início do curso foi com as atividades de simulação da prática. Vencer barreiras da timidez e me adaptar a contato cada vez mais próximo com os pacientes ao mesmo tempo em que era avaliado não foi tarefa fácil. Eu insistia constantemente em estudar teorias e técnicas de relacionamento interpessoal, porém me frustrava porque não conseguia colocá-las em prática como esperava. No final dos atendimentos, eu sentia que sempre tinha deixado a desejar. Com o passar dos encontros e, principalmente, com ajuda da minha facilitadora, tornei minhas entrevistas um pouco menos robotizadas e acredito que a partir de então me senti mais satisfeito com meu desempenho. Eu entendi, depois de algum tempo, que a verdadeira chave para o sucesso nos atendimentos é a preocupação com resolver as demandas do paciente e não com as minhas angústias de passar uma boa impressão e ser bem avaliado.

A inserção na prática profissional logo nos primeiros meses me expôs a uma realidade muito além da bolha social em que eu vivia antes da universidade, que me fez começar a enxergar o mundo com outros olhos. Apesar do contato com os pacientes gerar muita ansiedade por parecer pouco resolutivo, me tornou exponencialmente mais empático e me ensinou a importância dos aspectos biopsicossociais. Na época, eu tinha mais dúvidas do que respostas e aprendi a valorizar cada conversa nas minhas visitas domiciliares por me proporcionar novos saberes. E também me vi sendo valorizado pelos pacientes pois, mesmo sem grandes conhecimentos sobre doenças e tratamentos farmacológicos, eu podia oferecer a eles minha escuta.

A nova maneira de ser avaliado no curso me trouxe bastante conforto. Durante toda a minha vida, eu costumava focar muito mais naquilo que deve ser respondido em detrimento do conhecimento que levaria do momento. Na graduação, o foco nas competências, a oportunidade de melhorar, de maneira não punitiva, e de revisitar sempre os temas na lógica da espiral construtivista me deixavam muito mais à vontade nos estudos e tiravam a pressão de que tudo deve ser aprendido de uma vez.

Olhando além da graduação, desde o primeiro ano comecei a praticar esportes e participar das reuniões da atlética. A convivência no time de vôlei me colocou em contato com colegas mais velhos, que estavam vivendo fases diferentes dentro do curso, e com eles aprendi a importância de dar um tempo nos estudos e cuidar da minha saúde física e mental.

Terminei o primeiro ciclo muito mais preparado do que imaginava. Cresci intelectual e emocionalmente. Já me sentia mais capaz de agir e transformar e estava ansioso para a maior promessa do segundo ciclo: o contato cada vez maior e quase diário com pacientes.

3 SEGUNDO CICLO

Logo no início do terceiro ano, me deparei com uma grande mudança: a carga horária estava bem maior e eu precisava me organizar melhor para conseguir estar presente e preparado em todas as práticas e discussões além de sobrar tempo para as atividades extracurriculares.

Na prática profissional, começamos atendimentos além da saúde da família. Embora no primeiro ciclo eu já tivesse atendido crianças e mulheres, a nova perspectiva, em um novo cenário de prática, era desafiadora. Iniciamos efetivamente o processo de aplicar na prática o que estávamos aprendendo sobre anamnese e exame físico, patologias e farmacologia, ações de prevenção e promoção de saúde, aproximando mais nossa prática da realidade, aumentando assim nossa responsabilidade com nossos pacientes.

Passamos a discutir sob um novo formato, muito mais dinâmico, que exigia uma capacidade ainda maior de síntese. O trabalho em grupo se tornou diário e as habilidades de convivência tiveram que ser ainda mais aprimoradas. Os problemas da rede de saúde, a falta de recursos e pessoal capacitado me fez respeitar ainda mais os profissionais que trabalham na linha de frente do cuidado, prestando assistência.

As atividades eletivas me permitiram um contato maior com áreas que, na época, eu me interessava mais. Conhecer novos serviços, onde posso dizer que sempre fui bem recebido, me deixou mais seguro sobre a minha formação. Mesmo sem as aulas de anatomia, patologia e farmacologia, temos um conhecimento solidificado sobre esses temas, além da visão ampliada sobre o paciente e o meio em que está inserido, correlacionando todos esses diversos aspectos no nosso raciocínio clínico.

Nesse período, me aproximei um pouco mais do movimento estudantil. Particpei de diversos encontros e compartilhei problemas estruturais do curso e angústias pessoais com diferentes colegas de todo o Brasil. Percebi que temos em comum diversas reclamações e que em união é possível alcançar diversas mudanças. A nossa independência e capacidade resolutiva enquanto alunos da UFSCar é evidente, uma consequência de nossa aprendizagem ativa e uma clara evidência de que ela nos torna mais críticos e ultrapassa os limites dos saberes

técnicos.

Também foi no segundo ciclo que tentei explorar um outro aspecto da universidade: a pesquisa. Particpei ativamente da elaboração de projeto e início de coleta de material por três vezes. Infelizmente, em nenhuma delas, obtive sucesso e segui em frente com o trabalho, apesar dos incentivos por parte dos professores e colegas. Minhas maiores dificuldades sempre foram os prazos e a interdependência entre diversos integrantes de uma mesma equipe para obter resultados satisfatórios. Consigo perceber o quanto é essencial que os estudantes exercitem a capacidade de análise crítica, por meio das habilidades ligadas à iniciação científica, como a criação e a testagem de hipóteses de estudo, uso de técnicas para coletar e analisar dados e a escrita acadêmica e até hoje me sinto em déficit em alguns desses aspectos, mesmo tendo desenvolvido e apresentado outros trabalhos em congressos de impacto nacional e internacional ao longo do internato.

No início do quarto ano, tive a oportunidade de vivenciar uma das melhores experiências da minha graduação, na companhia de um grande amigo. Fomos selecionados pela International Federation of Medical Students' Associations para um estágio prático de cinco semanas no Peru. Apesar de inicialmente não ser minha primeira opção, acredito que o estágio se encaixou perfeitamente nesse momento da minha graduação e também da minha vida pessoal. Tive um grande crescimento muito além do profissional: foi a primeira vez que saí de casa sozinho para uma viagem internacional, num país com costumes e língua diferentes, e tive efetivamente que me virar.

Ao longo dessas cinco semanas de estágio, no serviço de urgência de um hospital público de uma das maiores cidades do Peru, passei por experiências diárias que mudaram a maneira como eu via a medicina. O pronto-socorro é sempre cheio de pacientes traumatizados em acidentes de trânsito, incluindo um grande número de crianças. Faltam atividades de atenção primária, noções básicas de prevenção e promoção em saúde. No que diz respeito aos recursos, percebi que, apesar de longe do ideal, estamos bem à frente: lá faltam leitos, materiais e até mesmo comida para os pacientes internados. Porém lá ainda há muito respeito por parte dos profissionais de saúde pelos saberes populares, pela antiga medicina inca, bem diferente do que se vê no dia-a-dia no Brasil. Os médicos valorizam a escuta e se esforçam ao examinar seus pacientes. Voltei enxergando a medicina

com outros olhos: a prevenção e a promoção em saúde são realmente fundamentais, o respeito à perspectiva do paciente também, e existe muita gente pelo mundo sobrevivendo com muito menos recursos, o que não coloca a má assistência em saúde como reflexo direto da falta de exames e medicamentos de última geração. É possível transformar com pouco.

O quarto ano acabou passando mais rápido do que eu imaginava. Consegui usar minha ansiedade para começar o internato como combustível para meus estudos. Já me senti menos tímido, mais à vontade conversando com os pacientes. Tentei não esquecer das primeiras aprendizagens do curso, da importância do biopsicossocial, apesar de ver muitos colegas perdendo esse olhar diferenciado pelo caminho. Com uma carga horária um pouco menor e também mais capaz de organizar meus estudos, consegui descansar e renovar minhas energias para o próximo e com certeza maior desafio na graduação: o internato.

4 TERCEIRO CICLO

O internato é sem sombra de dúvidas o momento mais esperado da graduação. Entender a rotina de trabalho, confrontar diariamente a prática com a teoria além do senso de responsabilidade e o vínculo criado com os pacientes são os maiores ganhos desse período da graduação.

Meu grupo iniciou o internato pelos rodízios na Saúde do Adulto Idoso. Começamos a aplicar nossos conhecimentos em um novo cenário: o hospital. Logo no meu primeiro plantão noturno, tive a oportunidade de drenar um pneumotórax; nesse momento percebi o tamanho do desafio que tínhamos pela frente, além da necessidade de adquirir ainda mais habilidades práticas. Os pacientes se tornaram minha responsabilidade e as condutas dependiam da minha atenção e empenho. Ganhei o maior volume de conhecimento de todo o internato nessas 14 semanas. Mesmo com a grande quantidade de trabalho, tanto pela carga horária quanto pelo número considerável de pacientes, permaneci estimulado a estudar não só para as discussões programadas pelos docentes, mas principalmente para prestar melhor assistência, espelhado em grandes profissionais que tive contato nesses estágios.

O rodízio em Medicina de Família e Comunidade, Saúde Coletiva e Saúde Mental foi um dos mais tranquilos no que se refere a carga horária, mesmo assim, com aprendizados ímpares impossíveis em outros cenários. Atuar na atenção primária, agora com a responsabilidade de “quase” médicos, foi fundamental para que eu ganhasse mais confiança na minha anamnese e no meu exame físico para a formulação de hipóteses diagnósticas e a tomada de condutas, além de melhorar minhas habilidades afetivas com os pacientes e suas famílias. É fascinante ver a resolutividade das unidades de saúde nos diversos aspectos da saúde população, muito além da doença, proporcionando melhor qualidade de vida. Nem sempre as maneiras de conduzir os casos foram as ideais, mas um outro grande aprendizado desse estágio é que a experiência prática importa muito quando se trabalha com recursos limitados.

Já no final do quinto ano, os estágios em Saúde da Criança e Saúde da Mulher nos trouxeram de volta para a atenção hospitalar, mais especificamente em outro setor ainda desconhecido: a maternidade. Foram semanas de grande qualidade nas atividades teóricas e práticas e a curva de aprendizado cresceu

exponencialmente. Ganhei confiança no atendimento de crianças e gestantes, principalmente na urgência, onde a grande maioria dos médicos maneja esses pacientes com dificuldade. Nesse estágio, acabei identificando minha facilidade, até então escondida, em lidar com crianças e pais. Percebi que na pediatria o conhecimento vinha fácil e meu interesse era constante. Surgiu em mim o desejo de seguir a pediatria como especialidade.

Os estágios do sexto, para minha surpresa, foram bem diferentes do ano anterior. Meu interesse, e também dos meus colegas, foi para além do conhecimento acadêmico; nossa preocupação com a vida real, na prática diária, guiou a maioria das nossas atividades e discussões. Percebi em mim uma tentativa até desesperada de aprender tudo que faltava, além de revisar o que já sabia. Caiu a ficha de que no final do ano não estaria sob a responsabilidade de mais ninguém. Meus erros passarão a refletir direta e negativamente na saúde dos pacientes.

O primeiro estágio, em Saúde da Criança, nos preparou para o atendimento e manejo das afecções mais comuns, principalmente infecciosas. Percebi que, mesmo nos casos mais difíceis, eu me sentia confortável e seguro no seguimento, o que me fez ter ainda mais certeza de que essa é a especialidade que desejo seguir.

Em seguida, na Clínica Médica, cuidamos de pacientes com múltiplas comorbidades, o que me ajudou muito a entender como diferentes doenças se relacionam e a necessidade de manter atenção ampliada constantemente, tanto nos sinais e sintomas quanto na terapêutica medicamentosa dos casos. No atendimento nos ambulatórios de especialidades, tentei focar meus estudos na identificação dos pacientes que, de certa forma, fogem à regra e, por isso, precisam de encaminhamentos para serviços com maior densidade tecnológica.

Na Saúde da Mulher, como na pediatria, fomos preparados para o atendimento das queixas mais prevalentes, sem perder o foco na atenção ampliada aos diversos aspectos de saúde da paciente. Esse foi, dentre todos os estágios, o que mais deixou a desejar. Dividir o cenário de prática com residentes e internos de outras universidades foi prejudicial por diminuir o volume de atendimentos, o que refletiu diretamente na falta de interesse em algumas discussões.

Finalizo o ano no estágio em cirurgia, ansioso por adquirir e treinar competências de urgência e emergência, que ainda me deixam bastante inseguro, principalmente por estar tão próximo de exercer a medicina por conta própria.

Do internato, eu também levo como aprendizagem a importância de uma relação harmoniosa com a equipe de trabalho. Estar cercado por outros profissionais competentes e que estão todos “no mesmo barco”, focados prestar a melhor assistência possível aos pacientes, faz uma enorme diferença.

Por fim, durante o internato há uma pressão pela aprovação nos exames de residência, que exige muito estudo, geralmente de material preparatório, visto que para a aprovação em exames desse tipo, tão importante quanto o conhecimento sobre medicina, é o conhecimento sobre a realização da prova. Tentei, ao longo dos anos, me preparar para esse momento, mas agora não vejo a residência como o melhor caminho a ser seguidos. Preciso de um tempo para me firmar como médico, encarar desafios e sedimentar conhecimentos. Quero experimentar a sensação de transformar e ser transformado no contato humano diário.

5 CONCLUSÕES

Analisando as competências propostas ao egresso do curso de medicina da UFSCar, tenho a sensação que atingi aquelas esperadas ao final da graduação. A insegurança e a sensação de desconhecimento ainda me acompanham, o que, ao meu ver, serão supridas aos poucos pela prática e vão me deixar sempre atento, comprometido em seguir estudando e me atualizando num constante processo de aprimoramento. Espero não esquecer valores fundamentais que aqui aprendi e praticar a medicina de forma ética, respeitando a vida.

REFERÊNCIAS

CARROLL, Lewis. **Alice no País das Maravilhas**. São Paulo: Martin Claret, 2007.
Título original em inglês: Alice's Adventures in Wonderland (1865).